



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Secretaria Geral Parlamentar
Secretaria de Documentação
Equipe de Documentação do Legislativo

JUSTIFICATIVA - PL 0062/2016

César Augusto Teles nasceu em Belo Horizonte (MG) no dia 07/07/1944, filho de Eustásio de Souza Teles e Geni Moreira Teles. Sua mãe mineira, nascida em um local de nome Paraopeba, próximo a Cordisburgo, cidade natal de Guimarães Rosa, seu pai era natural de Niterói. Era o segundo filho do casal. Do primeiro casamento de seu pai, nasceram em ordem cronológica: Lúcia Teles (1942), Cesar Augusto Teles (1944), Carlos Teles (1946), Eliana Mareia Teles (1948) e Cleber Luís Teles (1958). Sua mãe morreu, aos 39 anos de idade, vítima de doença cardio-pulmonar, em 1959.

Seu pai casou-se novamente e teve mais dois filhos, Cristina Teles e Fernando Teles, nascidos nos de 1960.

No ensino primário, César estudou numa escola particular, próxima a sua casa, no bairro do Carlos Prates em Belo Horizonte. Seu pai era alfaiate, e César o ajudava entregando as encomendas para sua clientela. Seu pai tocava piano e colecionava discos de música clássica, operas e músicas popular brasileira. César cantava com o seu pai ao piano e dançava em bailes ao som de orquestras gravadas de Waldir Calmon, Ray Conniff, Altamiro Carrilho entre outras. Chegou a cantar opera, gostava de rádio, um costume que manteve durante toda sua vida. Ouvia as músicas de sucesso e sempre que podia comprava discos de vinil, mais tarde cds. Ia aos estádios de futebol, acompanhava pelo rádio e pela televisão, em particular do seu time predileto: Atlético Mineiro. César lia muitos livros de literatura, ensaios políticos, jornais e revistas. Na clandestinidade, passou a ler diariamente todos os jornais vendidos em banca. Sempre jogava futebol nos campos de periferia.

Fez o ginásio e o primeiro ano do curso científico no Colégio Militar. Aos 17 anos foi trabalhar como ferroviário passou no concurso público da Rede Ferroviária e como já tinha seu certificado de reservista, pode ingressar de imediato naquele emprego, apesar de ainda menor de idade. No final da década de 1950 e início de 1960, a política era agitada e mobilizava diversos setores. Ao mesmo tempo, ele entrou na Universidade Federal de Minas Gerais, para cursar biologia.

Na mesma época entrou no Partido Comunista, fato que ele próprio descreveu:

Quando entrei na adolescência fui estudar no Colégio Militar em Belo Horizonte, na sua primeira turma, em uma época de muita efervescência política no Brasil. Nós fundamos uma espécie de clube, o Grêmio Recreativo Brasília. Com influencia daquele nacionalismo do Juscelino Kubitschek que, alias, era presidente de honra do nosso clube. Ele nos recebeu e deu um dinheirinho para o grêmio. Fazíamos festas, debates fora do colégio militar e, lá dentro, existiam certos sargentos nacionalistas que estavam envolvidos com as lutas políticas daquele tempo. Enquanto eu estava lá ocorreu a renúncia do Jânio e alguns professores que eram majores fizeram manifestações do tipo puxar revolver, colocar em cima da mesa e dizer: "E assim que nos tratamos os paisanos". Isso tudo foi mudando a cabeça de alguns daqueles alunos. Quando completei o 1º colegial lá no colégio militar obtive o certificado de reservista, então eu saí do colégio. Eu e muitos outros saímos e fomos direto para o Partido Comunista porque tínhamos essas ideias de defender os interesses nacionais, melhorar a situação do povo, etc. Eu me lembro que uns dez foram comigo para o Partido, (entrevista à Janaina Teles em 2008).

No Partido Comunista, ele conheceu Amelinha com quem se casou e passaram a ter uma militância política juntos. César chegou a ser Presidente do Sindicato dos Ferroviários de Minas.

Com o golpe militar em 1964, houve muitas prisões e César assumiu a direção do partido numa tentativa de manter em funcionamento a organização. Mas logo teve que ir para a clandestinidade e se mudou para o Rio de Janeiro junto com a sua companheira.

Era o ano de 1966, quando houve uma Conferência do Partido e ele foi eleito para a direção regional. Além disso assumiu as atividades da imprensa e da gráfica.

Então fiquei com essas duas tarefas, viajava pelo estado do Rio, visitando as bases do partido e também fazia o material de imprensa, o que incluía ouvir a Rádio Pequim, a Rádio Tirana, enfim, ter algumas relações com o exterior. Naquela época não tinha Internet, eram cartas muito fininhas que nós mandávamos para vários endereços na Europa. (César em entrevista à Janaina Teles em 2008).

No Rio, nasceram seus dois filhos: Janaina e Edson Teles. O Partido Comunista resolveu transferir o aparelho da imprensa e a gráfica para São Paulo para fazer uma agência de propaganda e publicações. Então, a família mudou para São Paulo e continuou a vida na clandestinidade.

César também participava da preparação da guerrilha do Araguaia, comprando armamentos, bússolas, medicamentos, roupas e sapatos para serem enviados a guerrilheiros. Ele também fazia o material de propaganda, acompanhava as rádios Tirana, Havana, Moscou, Pequim e BBC. Era rádio escuta. Ainda enviava correspondência para o exterior, fazia traduções e, às vezes, acompanhava os membros do Comitê Central em viagens, nesse período, desenvolveu diabetes e tuberculose.

No dia 28 de dezembro de 1972 foi preso junto com Amelinha e Carlos Nicolau Danielli. Danielli foi assassinado sob tortura no DOI-CODI/SP (oban), no dia 30 de dezembro de 1972. Foram também sequestrados e presos sua cunhada, Crimeia e seus filhos de 5 e 4 anos de idade.

Foi condenado a cinco anos de prisão e, em 1977, foi colocado em liberdade. O cárcere afetou ainda mais sua saúde, mas não deixou de lutar por liberdade e justiça. Participou da luta pela Anistia, pelas Diretas Já, pela Constituinte Livre e Soberana. Trabalhou em diversas gráficas e foi do Sindicato dos Gráficos.

Por iniciativa de sua filha Janaina, e com o apoio do advogado Fábio Konder Comparato, o casal entrou com ação declaratória contra o Coronel da reserva do Exército, Carlos Alberto Brilhante Ustra, que também comandava o DOI-Codi/SP, responsável pelas práticas de tortura e de assassinato de diversos militantes políticos dentre eles o de Carlos Nicolau Danielli, com o objetivo de que a Justiça o reconhecesse como torturador. Fato que ocorreu em 2008, quando a ação foi julgada pela 23ª Vara Cível de São Paulo. Na ocasião, o juiz reconheceu que César Augusto Teles, Maria Amélia de Almeida Teles e Criméia Alice Schmidt de Almeida, autores da ação, foram torturados por Ustra. Tal decisão foi confirmada no Supremo Tribunal Federal (STF) em dezembro de 2014, o que fez com que o Estado brasileiro, pela primeira vez na história, declarasse, como torturador, Brilhante Ustra.

César dedicou sua vida após a prisão ao esclarecimento sobre as circunstâncias das prisões e mortes dos desaparecidos políticos. Participou ativamente da construção de dossiês sobre desaparecidos políticos, fez os primeiros cartazes sobre os desaparecidos políticos que até hoje são reproduzidos e divulgados. Praticamente quase todas as fotos de mortos e desaparecidos foram selecionadas e reproduzidas por ele.

César era uma pessoa de sorriso fácil, alegre, sempre bem humorados, adorava dançar tango e chegou a dar aulas de dança. Gostava de plantas, cuidava de árvores de adorno e de frutas, era apaixonada pelas orquídeas. Fazia política por uma questão ética, queria justiça social, uma sociedade justa e igualitária. Gostava de conversar, era tímido e não se sentia bem em falar em público, só o fazia por necessidade, segundo ele próprio dizia. Amava muito sua netinha, Aurora e era todo sorrisos quando ela chegava a sua casa.

Morreu em 28 de dezembro de 2015, dia em que completava exatamente 43 anos de sua prisão pelo DOI-Codi/SP, quando então, foi torturado e entrou em coma devido a intensidade dos choques elétricos e pancadas. Foi enterrado no cemitério Vila Formosa, diante da vala dos desaparecidos políticos.

César Augusto Teles, presente. Hoje e Sempre!

Estes são os motivos que me levaram a elaborar o presente Projeto de Lei, o qual eu submeto à análise e a aprovação dos demais Nobres Pares.

Publicado no Diário Oficial da Cidade em 02/03/2016, p. 76

Para informações sobre o projeto referente a este documento, visite o site www.camara.sp.gov.br.